

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A AVIA

INSTITUTO A VIA

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA

PAULO CÉSAR PITOMBO

A NATUREZA HUMANA

HOBBS E FREUD

SALVADOR

2022

A NATUREZA HUMANA

HOBBS E FREUD

Paulo César Pitombo¹

RESUMO – O presente artigo tem o objetivo de elucidar o tema sobre a Natureza Humana, com a perspectiva da teoria do pai da Psicanálise Freud e da teoria do filósofo naturalista Thomas Hobbes. É uma tentativa de compreender a complexa Natureza Humana. Para uma melhor compreensão sobre o assunto, Hobbes desenvolve a sua teoria afirmando que o homem possui uma natureza agressiva e que precisa do Estado para controlar a sua agressividade, mantendo a paz e o equilíbrio entre as pessoas. Para Hobbes o homem vive em um estado de guerra em relação ao outro. Freud enfatiza mais os fatores biológicos do que os fatores culturais na determinação dos comportamentos humanos. Sendo assim, na visão dos dois pensadores, a atitude cultural será sempre determinada pela situação biológica e não o oposto. Para Freud, quanto mais rigoroso for o controle social sobre as pulsões, tanto mais será o desenvolvimento da civilização. Para manter o equilíbrio é preciso que seja criado o Estado na visão de Hobbes e a criação da cultura para Freud.

PALAVRAS- CHAVE: Hobbes. Freud. Estado. Cultura. Civilização.

¹ cesar.paulo.52.a@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a natureza humana na perspectiva da teoria de Freud e da teoria de Hobbes, para uma melhor compreensão sobre o comportamento humano. Compreendendo a nossa natureza humana, podemos ter noção de certos tipos de comportamentos que são influenciados pelo aparato psíquico do ser humano ou pela sua própria natureza do ser. Para Freud, o ser humano é dominado por impulsos irracionais provenientes do Id, o que se identifica como impessoal, involuntário, agressivos e inconscientes nas forças profundas que governam o comportamento humano. Para Hobbes, o comportamento humano é governado por paixões, que se manifestam por desejos involuntários, agressivos na conquista pelo objeto. Tanto para Freud como para Hobbes, o comportamento humano é determinado por força interior a própria natureza humana. Somos movidos por forças impulsivas na realização da satisfação do desejo.

A natureza humana pensada por Freud e Hobbes, não é sociável com a sua própria espécie, mas feroz, capaz de grandes atrocidades como guerras, assassinatos, estupro, feminicídio. Entendo que na visão de Freud, a natureza humana deve ser compreendida através de duas tendências primordiais, a pulsão sexual e a pulsão agressiva. Para Hobbes, o gênero humano desde a sua infância é egoísta, competitivo, arrogante, orgulho, vingativo, vaidoso e ambicioso. Assim, o desenvolvimento da civilização ocorre em paralelo com a natureza humana, quando esta irrompe a estrutura de paz, é preciso que a sociedade a controle. Neste sentido podemos dizer que a sociedade se desenvolve conforme a pulsão sexual, para Freud, e as paixões para Hobbes. Entendo que Freud não concebe a cultura como um produto de um complexo processo social, mas como um resultado de impulsos biológicos, quanto mais for a repressão das pulsões, maior será o desenvolvimento social.

A finalidade da pulsão sexual, ou pulsão de vida (Eros), consiste na formação e na preservação de uma força unificadora e integradora. A pulsão de morte ou agressiva constitui em uma força desintegradora, tem como alvo a dissolução da unidade, possui tendência destrutiva, (Thânatos). Para Hobbes, o desejo de preservar

a própria vida é uma paixão que é compartilhada por todos os homens. Diante desta perspectiva, procuro desenvolver neste trabalho sobre a natureza humana, pois, esta possui uma força interior irracional que pode levar a humanidade em um estado de guerra constante. E para manter um equilíbrio social é preciso a criação de um Estado (Hobbes) ou a criação de uma cultura para manter a harmonia social (Freud).

2. DESENVOLVIMENTO

Thomas Hobbes (1588-1679), filósofo naturalista que procurou desenvolver uma teoria sobre a natureza humana e suas principais características. Através do seu livro O Leviatã podemos ter acesso ao seu pensamento sobre gênero humano e qual a melhor forma de lhe dar com ele. Na primeira parte do seu livro encontramos a definição sobre o homem que possui: sensação, lembranças do passado, memória, desejos, imaginação, sonhos, linguagem e paixões. O homem possui todas essas características e que de alguma forma influencia o seu comportamento. Para Hobbes a linguagem é a maneira mais fácil para o homem exprimir os seus desejos da conquista do objeto. Ela torna-se um grande instrumento do conhecimento sobre a leitura que se faz sobre o comportamento humano. Para Hobbes os homens são iguais por natureza, desta forma é compreensível dizer que todos nós temos paixões que nos conduzem para uma ação de desejo, inconscientes que podem nos levar a um estado de guerra. Fora dos estados civis, há sempre guerra de todos contra todos. Para manter o controle entre as pessoas que vivem em sociedade é preciso que o Estado exerça um poder para limitar os desejos, os impulsos, para evitar a guerra entre todos. Para Hobbes todos os homens naturalmente têm direito a tudo, mas é preciso renunciar a liberdade de escolha, de desejo, de fidelidade para manter a sobrevivência da vida. É uma escolha que se faz, mas entendo que o Estado se tornar castrador, inibidor que impõe sacrifícios diante da sexualidade do indivíduo. A civilização naturalmente procura impor certos limites as inclinações sexuais e agressivas dos seres humanos e estes sacrifícios implicam na dificuldade de obter a felicidade. Por segurança a vida, o homem renuncia o seu direito à liberdade para

viver em uma sociedade, limitando o seu estado de natureza para manter a paz entre todos.

Sigmund Freud desenvolveu a teoria de que, o gênero humano deve ser compreendido em sua natureza através de duas tendências que são: a pulsão sexual e a pulsão agressiva. As pulsões representam a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento inconsciente do ser humano. Para Freud, todas as tendências às perversões não surgem na fase adulta do indivíduo, mas se originam na infância, assim, podemos dizer que a sexualidade perversa, presente na vida de algumas pessoas, se identificam com a sexualidade infantil. A criança tem uma predisposição inata para a perversão, porque ela desconhece qualquer restrição como nós conhecemos como: A moral, a ética, e as leis que regem uma sociedade. A criança pode ter prazer a todos os alvos sexuais possíveis, sem que algo a intimide a desejar. Neste sentido a natureza humana, desde a sua infância, possui tendência, inclinação para a perversão, e a criança pode ter prazer por todas as perversões retendo-as em sua atividade sexual.

Para Hobbes, a natureza humana é selvagem porque o homem é incapaz de viver em sociedade, ele não vive na sociedade na sua forma natural de ser, os seus desejos são reprimidos pelas leis que sustentam a sociedade. Assim, ele se torna um ser artificial na sua cultura, vive conforme é permitido fazer e não pela vontade de querer fazer. O homem seria então, um artificial nas suas ações. A percepção de Hobbes é que o estado de natureza é uma ameaça latente a toda sociedade civil, pois o homem naturalmente tende a violência. Desta forma podemos dizer que a natureza humana não é perfeita, possui inclinação de colocar a vida das pessoas em risco. Esta teoria parece bem aceita por muitos, no livro do Gênesis encontramos uma passagem bem antiga sobre a história Caim que matou Abel por ciúmes e invejas. Seria um reflexo antigo de querer entender a natureza humana. Hobbes, analisa o indivíduo em sua situação corpórea, considerando que as suas paixões e pulsões individuais são provenientes da ânsia ilimitada de poder, e em virtude das consecuições dos seus desejos, o homem por natureza é existencialmente sem freios.

A psicanálise nos poderá ajudar a entender melhor essa teoria sobre a natureza humana, principalmente em relação sobre essa força interna inconsciente que nos leva para uma situação de desconforto, onde o limite tem que partir do mundo

externo. Creio que a Obra de Freud sobre o Mal-Estar na Cultura nos ajudará nesta reflexão.

A vida social se funda numa espécie de renúncia, ou, mais precisamente, no impedimento da satisfação pulsional. O saldo subjetivo desta renúncia é a inescapável sensação de mal-estar. Apesar de todas as técnicas, de todas as ilusões, de todos os métodos e subterfúgios que os indivíduos e as sociedades inventam para se torna a renúncia suportável, há ainda um resto que perturba a equação, tornando-se um mal incontornável. (FREUD, 2021, p. 7)

Assim, podemos entender que a sociedade é algo que surgiu conforme a natureza humana e a vida social implica na renúncia da vontade de cada indivíduo, devido a nossa própria natureza somos destinados a viver em sociedade como um meio para garantir a nossa sobrevivência, e por medo e insegurança aceitamos uma vida social, mesmo que nos prive das nossas emoções e vontades. Nenhuma sociedade pode subsistir diante das tendências agressivas dos homens se não forem controladas, por isso, a civilização impõe normas de restrições a essas tendências. Entendo que na visão de Freud, quando as forças psíquicas que normalmente controlam as inclinações destrutivas, estas se manifestam e revelam o homem como um animal selvagem que não poupa a sua própria espécie. Neste sentido expresse a frase hobbesiana muito conhecida “o homem é o lobo do homem” representada por Freud em um dos traços sobre a natureza humana. O homem por natureza é agressivo, violento, com capacidade de cometer atrocidade e age por forças internas inconscientes que coloca em risco a sua própria espécie.

Como base na teoria de Freud, podemos admitir que na sociedade a vida de alguns indivíduos, é construída a partir dos impedimentos infligidos a vida sexual, porque a energia responsável pelos laços fraternos é retirada do seu destino e canalizada para fins não sexuais. Vejo um grande problema sobre o destino das energias destinadas para um fim, essas drenagens não são suficientes, causando um desestabilizador na estrutura psíquica. Na natureza animal, as abelhas vivem em sociedade em perfeita harmonia, cada abelha canaliza a sua energia para o exercício do bem comum, sem serem afetadas por normas que impeçam os seus desejos de realizar. Segundo Freud, diante da sociedade, nos tornamos uma boa parte daquilo de que sofremos, e cada indivíduo experimenta em seu ambiente social, um agente metapsicológico decisivo para o destino da subjetividade. Diante deste contexto,

podemos dizer que todo progresso da civilização paga o preço de uma renúncia pulsional e o quanto esta tem como pressuposto precisamente a não satisfação. Como podemos resolver esta questão? Com base na teoria de Freud, podemos dizer que a nossa natureza humana precisa liberar energias de alguma forma, mas para isso, é preciso que cada pessoa estando na cultura, repousa nesse princípio de renúncia às pulsões, segure que cada um deve resolver as tensões criada pela força constante das pulsões.

Na civilização encontramos as artes, as religiões, a economia como tentativas de solucionar as tensões, mas são tentativas deficitárias que perdem o seu valor. Porque, na verdade o sofrimento e o modo como cada um vive a pulsão são o que define o seu estado psíquico na sociedade. Para Freud, “a vida, tal como nos é imposta, é muito difícil para nós, traz-nos muitas dores, decepções, tarefas insolúveis” (FREUD, 2021, p. 57). Entendo que é preciso que a humanidade use o domínio da razão para controlar as pulsões. A teoria de Freud sobre a relação humana com a cultura parte de pressuposto de que todas as culturas têm a função de controlar a pulsão agressiva a qual constitui uma ameaça a natureza humana. Ao elaborar a segunda tópica do aparelho psíquico, Freud nos esclarece que o Id é composto por impulsos inatos, pulsão sexual e a pulsão agressiva, e desejos reprimidos. Os impulsos do Id são regidos pelo princípio de prazer, desconhecendo assim, o tempo, as relações causais e lógicas, o juízo de bem o do mal ou qualquer tipo de moralidade. Desta forma posso dizer que a nossa natureza humana é regida pelo Id, é o que mais nos representa como ser humano.

Para Hobbes, a competição é a paixão que origina a agressão, é por causa da competição que se exige do indivíduo uma rápida resposta ofensiva em autodefesa. A competição provém dos apetites, sejam por ganhos, ou por tudo aquilo que se deseja para si. Assim a competição pode ser compreendida em relação ao confronto constante entre rivais, que encerra o mais puro desejo de poder. A natureza humana possui paixão que nos leva a conflito interno e externo, na medida em que deparamos por forças contrárias as nossas inclinações. Sabemos que na satisfação imediata e desmedida das pulsões, nos moldes exigidos pelo Id e pela Paixão, conduzirão o ser humano a críticos conflitos com a realidade externa, e por que não, a destruição da espécie humana. A religião aparece como um meio de vida para alcançar a felicidade

aliviando as dores dos sofrimentos, rebaixando o valor da vida e desfigurando a realidade de um mundo real. Penso em uma técnica de ilusão para suportar a dor acreditando em esperança de salvação. Tais técnicas implicam em uma fixação forçada a um infantilismo psíquico. A religião procura harmonizar os conflitos existenciais com sua doutrina para que haja um equilíbrio psíquico em cada indivíduo que sofre com os seus conflitos. Segundo Freud, o domínio da moral sexual cultural pode causar danos aos indivíduos pelos sacrifícios que lhes são impostos, assim, o homem que vive na sociedade sofre com a imposição que a civilização impõe a viver.

No livro *O Mal-Estar na Cultura*, Freud nos revela que “Em nossa família, todos nos tornamos doentes dos nervos, porque queríamos ser algo melhor do que podíamos ser, de acordo com a nossa origem” (FREUD, 2021, p.67). Desta forma podemos chegar a uma reflexão de que o homem não representa ser conforme a sua natureza, somos castrados diante dos nossos impulsos sexuais, uma forma inconsciente, que deseja satisfação. Mas por ser inconsciente temos que canalizar essas energias para algo que possa satisfazer essas pulsões. A nossa natureza se torna “imperfeita” por não satisfazer com completo os seus desejos, e a civilização aparece como um meio de manter a sobrevivência da espécie humana. A satisfação pulsional à qual renunciamos pode ser uma fonte de sofrimento por uma determinada parcela da humanidade. Desta forma penso que os neuróticos são os seres humanos que devido a esta estrutura da renúncia pulsional e sobre as exigências culturais só conseguem conduzir a repressão de maneira aparente. É preocupante essa situação porque a energia contínua e precisa ser eliminada, pressão libidinal pode criar um mal-estar psíquico na pessoa. É preciso que o indivíduo encontre um caminho para a satisfação pulsional.

As pulsões constituem o reservatório das energias biológicas do ser humano, mas diante das observações técnicas feitas por Freud, é perceptível as manifestações irrestritas das pulsões revelam-se inconciliáveis com a vida em sociedade. Em vista disto, creio que, todas as civilizações empregaram em suas organizações sociais mecanismos para dominar as pulsões. O Ego é o representante mais eficiente desta repressão, que, segundo Freud, diante dos mecanismos de defesa, a repressão é considerada a mais fundamental. Digo isto porque, a repressão consiste na exclusão de um impulso ou de um sentimento socialmente reprovável da consciência. A minha

teoria é que os desejos humanos, tanto para cada indivíduo ou para as pessoas de um convívio social, são frequentemente “destrutivos”, por isso precisam ser canalizados. A natureza humana possui desejos que precisam ser canalizados, não destruídos, mas canalizados para outros objetos de prazer. A satisfação é necessária diante da força pulsional que a nossa natureza possui. Penso que a civilização tem o seu papel de manter o controle dos impulsos sexuais do ser humano em vista da paz e o bem comum. Assim cada indivíduo precisa encontrar o caminho de satisfação dos seus desejos, desta forma, o indivíduo se protege do sofrimento psíquico. O mecanismo de defesa conhecido como deslocamento se faz necessário quando a pulsão inconscientemente é deslocada de um objeto original para um objeto substituto, assim, o objeto é modificado com o intuito de aliviar a pressão.

Segundo Freud, a maioria dos seres humanos possui um limite pelo qual não pode obedecer às exigências da cultura, haja visto que as injustiças sociais exigem de todas as pessoas o mesmo modo de uma conduta social, estas imposições passam a ser em cada ser humano o mais pesado sacrifício psíquico. Desta forma, penso que qualquer atividade sexual denominada perversa é reprovada, mas em relação a atividade sexual “normal” é deixada livre, sem nenhuma punição pela lei da normalidade social. Para certos indivíduos, a sociedade considera como perversos, em relação aos outros indivíduos que se empenham em não ser perversos, são forçados para a doença nervosa. O resultado do conflito entre a pressão das influências culturais e a resistências de sua constituição, da sua natureza humana, resulta-se no adoecimento neurótico. É preocupante só em saber que dominar uma moção tão poderosa como a pulsão sexual de outra forma que não seja por satisfação, pode exigir todas as forças de um ser humano, algumas pessoas conseguem por sublimação, desviando as forças pulsionais sexuais para a meta cultural. Desta forma, chego a uma conclusão de que o aumento do adoecimento das pessoas nervosas na sociedade provém da intensificação restrição da pulsão sexual. O sofrimento que muitas pessoas vêm enfrentando no mundo hoje, está relacionado ao impedimento da sua satisfação pulsional, diante de uma moral cultural que limita o intercuro sexual do próprio indivíduo.

Refletindo sobre a natureza humana, penso que ela é comum a todos os seres humanos, diante dos diversos tipos de comportamento em situações culturais das

mais diversas, significa dizer que cada homem equivale a um exemplo particular de um conceito universal, que possuem as mesmas qualidades básicas. Para Freud, o homem não pode ser definido pela faculdade da razão por que ele é dominado por impulsos irracionais originários do Id, nem pela sociabilidade, porque o ser humano não é uma criatura branda e sociável. Nem pela capacidade de pensar por que a realidade psíquica não se define pelos processos conscientes, mas pelos processos inconscientes. O homem é um animal selvagem, capaz de cometer grandes crueldades contra os membros de sua própria espécie. Para Hobbes, o estado de natureza é um estado de violência, de guerra, o homem desde da sua infância, é egoísta, competitivo, orgulho, vingativo e ambicioso, também não é um ser político e social, como pensava Aristóteles, mas um lobo egoísta e interesseiro, que sempre quer saciar o seu apetite. Diante destas reflexões podemos dizer sobre algumas características da natureza humana, que não é “perfeita”, mas que precisa de muita reflexão para poder lidar com ela.

Segundo Freud, “os seres humanos cometem atos de crueldade, de malícia, de traição e de brutalidade, que só poderiam ter sido considerados incompatíveis com o seu nível cultural” (Freud, 1921, p. 106). O Estado exige dos seus cidadãos o máximo de obediência e sacrifício, incapacitando-os na sua forma de pensar sobre a sua própria natureza de ser. Podemos pensar que o Estado não permite que cada indivíduo realize de forma natural a satisfação pulsional que venha contrariar o padrão de comportamento social, não aceitaria tal conduta. Falando da natureza humana, como Freud nos ajudaria a entender o ser humano e como a psicanálise que através da investigação poderia nos ajudar? No O Mal-Estar na Cultura, Freud manifesta o seu pensamento como resposta a essa investigação.

A essência mais profunda do ser humano consiste em moções pulsionais que, de natureza elementar, são da mesma espécie em todos os seres humanos e têm por meta a satisfação de certas necessidades originárias. Essas moções pulsionais não são em si nem boas nem más. Nós as classificamos, bem como as suas manifestações, em função da sua relação com as necessidades e exigências da comunidade humana. Admitimos que todas as moções que são condenadas pela sociedade como sendo más – tomemos como suas representantes as moções egoístas e as cruéis – encontram-se entre essas moções primitivas. (Freud, 2021, p. 107).

Diante desta reflexão de Freud, podemos admitir que a natureza humana não é má, o ser humano não é malvado, porque a essência do ser humano que consiste nas pulsões, não podemos classificá-las como boas ou más, mas as interpretações

que si faz delas. Por isso, o homem na visão de Freud não classificado como um ser malvado, mas trágico, digo isto no sentido de que a dimensão do desejo coloca o homem numa experiência de conflito, em relação as imperfeições, em relação ao seu corpo, em relação ao seu pensamento, em relação aos seus desejos e em relação ao seu destino. O homem sempre estar em conflito e por muitas vezes não tem consciência das suas ações, do prazer em exercer a crueldade sobre o outro, isto é, uma característica presente entre todas as pessoas. Quando olhamos para dentro de si mesmo, não encontramos uma bondade infinita, não somos imune a crueldade, porque as pessoas, na visão da Psicanálise, são motivadas por pulsões, pelas quais, elas podem ter pouca ou nenhuma compreensão. Assim, entendo que a visão da Psicanálise sobre a natureza humana é claramente determinista.

Freud acredita que a maior parte do nosso comportamento é determinado pelo evento do passado, em vez de serem moldados por objetivos do presente. Esta observação é muito importante porque a civilização impõe uma repressão a cada cidadão sem levar em conta a causa que levou a essa ação. O ser humano tem pouco controle sobre a sua ação no presente porque muitos dos seus comportamentos estão enraizados no seu inconsciente. Penso que chegamos ao mundo em um estado básico de conflito com forças de vida e de morte operando em lados opostos na nossa natureza. O desejo inato pela morte nos leva a agressão, a perversidade e em um estado de guerra constante. E as forças vitais nos leva a uma busca cega de prazer, e o Ego, como centro da personalidade, permanece em um estado constante de conflito para atender a demanda do Id. Diante de tudo o que foi exposto, chegou a uma conclusão de que devido a tantos conflitos e da forma em que vivemos, somos “verdadeiros selvagens” perante a civilização. Temos uma tendência natural para explorar o outro sem ter noção desta situação, não temos consciência de certos sentimentos em relação ao outro.

Freud cita a famosa frase de Hobbes, *homo homini lupus*, para corroborar com seu ponto de vista sobre a natureza humana, que esta frase é inquestionável, haja visto que, o homem não possui uma natureza branda e sociável. Para Freud, a natureza humana subscreve em grande medida as ideias vinculadas por Hobbes, o ser humano em estado de natureza está totalmente livre para fazer o que deseja, para isso, se utiliza de todos os recursos disponíveis para realizar os seus desejos, que

são egoístas e hostis. Assim, por uma tendência natural, o ser humano age motivado pelos seus próprios interesses e não há um poder comum capaz de estabelecer os seus limites. Para Freud a pulsão destrutiva está presente em todo ser humano, e uma parte desta pulsão pode afetar o próprio indivíduo, no sentido de que, pode se transformar em pulsão destrutivas quando determinados instrumentos se voltam contra a realidade exterior. Neste sentido penso que seria inútil toda a tentativa da civilização de eliminar as inclinações agressivas do homem. Para Freud, o ser humano é bom ou mal por inteiro, em determinada situação o homem é bom, mas em outra relação ele é mau. As pulsões “más” são obras de dois fatores, um interno e outro externo, o interno resulta no egoísmo, erotismo e a necessidade de amor. Enquanto o fator externo é a repressão da educação que representa as exigências do ambiente cultural.

Segundo Freud, a civilização foi desenvolvida através da renúncia da satisfação pulsional, que durante a vida humana na sociedade ocorre uma constante coerção, e sobre a influência da sociedade essas pulsões são transformadas em tendências sociais. Os seres humanos nascem com uma predisposição a transformar as pulsões egoístas em sociais, assim, a sua conduta e suas ações de acordo com os preceitos culturais. Todos os seres humanos possuem tendências destrutivas, a criança por exemplo passa por um processo de transformação e se torna um ser moral e social. Segundo Freud, o fortalecimento do Superego é um patrimônio cultural psicológico, é ele que determina ao Ego o que é bom e o que é mau. Convém ressaltar que o superego se constrói não somente pela personalidade dos pais, mas também com as famílias, as tradições raciais, as exigências do meio social. Poderíamos pensar que se os desejos proibidos provenientes do Id fossem realizados o que aconteceria? O Superego entraria com a ofensiva através do sentimento de culpa e a ofensiva do mundo exterior, por isso, que o Ego é compelido a reprimir os desejos proibidos, conservando-os longe da consciência, isto é, no inconsciente.

Segundo Freud, a cultura tem uma função de nos proteger diante da nossa própria natureza por causa dos desejos perigosos que ameaçam a vida dos indivíduos na sociedade, para que a vida social seja possível é preciso que a civilização nos proteja. “É justamente por causa desses perigos com os quais a natureza nos ameaça que nos aliamos e criamos a cultura, que, entre outras coisas, deve também tornar

possível a nossa vida em comunidade” (Freud, 1921, p.245). não podemos acreditar que nossa natureza esteja dominada, e não está, por isso, entendemos que a humanidade como um todo é difícil de suportar, torna-se difícil para o ser humano se sentir feliz. Segundo Freud, para o homem pré-histórico as coisas eram de fato melhores nesse aspecto, pois ele não conhecia nenhuma restrição à pulsão. O ser humano “civilizado” trocou um tanto da possibilidade de felicidade por um tanto de segurança. A cultura exerce uma função de restrição pulsional que impõe na nossa vida o perigo a “miséria psicológica da massa”, assim, Freud nos alerta dos perigos que devemos enfrentar diante do efeito que a civilização pode nos submeter. Para Freud, a neurose aparece como o desfecho de uma luta entre o interesse de autoconservação e as exigências da libido, luta na qual o Eu havia vencido, mas ao preço de graves sofrimentos e renúncia.

Penso sobre Hobbes, o homem renuncia as suas paixões por medo da morte, e esse medo tem a força de estabilizar o excesso das paixões, seria um ligação entre o medo e a razão para defender a vida social. O medo de morrer é a razão pela qual é aceitável que exista o Estado como o defensor da vida, pois, a sociedade para Hobbes representa a insegurança total dos indivíduos, na tentativa de ter uma vida confortável e a esperança de consegui-la por meio de trabalho. Um ponto muito interessante sobre o pensamento de Hobbes sobre a natureza humana é no sentido de que a única coisa que faz o homem a não violar as leis, normas da sociedade é o medo, assim, só o medo poderá conformar as vontades de todos os indivíduos. Penso que o medo que existe em cada pessoa seria como um desamparo em busca de uma imagem paterna que transmita segurança, conforto e afeto. Assim podemos dizer quem violar essas normas da sociedade adquire para si mesmo a característica do que é proibido. Segundo Freud, no seu livro Totem e Tabu, as proibições morais e tradicionais a que obedecemos poderiam ser essencialmente aparentadas a um tabu primitivo. A proibição não conseguiu abolir o instinto, apenas reprimir o instinto, assim, ele voltaria a consciência e alcançaria a realização.

Para Freud, o Tabu é uma proibição imposta do exterior, por uma autoridade, e voltada contra os mais fortes desejos do ser humano, o que se proíbe enfaticamente deve ser objeto de um forte desejo, de onde existe uma proibição deve esconder-se um desejo. Suponhamos que tal desejo de matar se acha realmente no inconsciente,

e que o tabu, como proibição moral, tem seu efeito satisfatório para a sociedade diante do impulso homicida. Desta forma podemos compreender que o Tabu é uma instituição social, “que na raiz da proibição há normalmente um impulso mau – um desejo de morte” (Freud, 2012, p. 118). Voltando a refletir sobre a teoria de Hobbes, a situação em que vivem o homem, quando falta um poder comum que o sujeite, pois é lamentável quando assistimos o domínio das paixões, da guerra, do medo, da violência, da solidão, da crueldade. A inexistência de quaisquer regras morais ou legais, não teria lugar para as noções de certo ou errado, de justo ou injusto, e cada indivíduo lutaria pela sua própria vida contando com os seus recursos próprio. O medo é a paixão predominante, no sentido de que o indivíduo abandona a sua liberdade absoluta em troca de segurança, assim, podemos dizer que a autopreservação é o objetivo primeiro.

Para Hobbes, o homem no seu estado de natureza, possui impulsos e desejos ilimitados, nem sempre racionais. Viveriam em plena liberdade e igualdade, que particularmente levam o homem a estabelecer disputas e competições em sua relação cotidiana. Os homens se comportam em estado de natureza movidos por sentimentos de vaidade e competição comuns a própria natureza humana. Hobbes trabalha com uma visão negativa da natureza humana, para entender melhor essa reflexão, basta olhar para nós mesmo, pois existe uma semelhança entre as paixões, os desejos (de vida e de morte), os medos, e a esperança de todos frente aos desafios postos pela vida. Entendo que a natureza humana pensada por Hobbes, possui um desejo perpétuo e incessante de poder, que coloca todos numa posição de rivalidade e concorrência entre si. O perigo da vida reflete sobre o próprio estado natural do homem, que é perigoso, porque está sempre impulsionado a rivalidade a competição e a destruição do outro. A liberdade de fazer tudo, instaura um clima de total insegurança, onde todos passam a viver sobre o constante e temor de serem surpreendidos por uma morte violenta, fruto de um impulso de violência comum à natureza humana.

2. CONCLUSÃO

Diante das teorias de Freud e Hobbes, chego a uma conclusão de que o homem possui uma força inata que o determina para uma ação na realização de um desejo. A nossa natureza se desenvolve pela busca de prazer ilimitado, há sempre uma satisfação na realização do desejo. Segundo Freud, é no Id que fica armazenadas as pulsões, a energia psíquica e nossos impulsos mais primitivos, e não há para o Id nenhuma regra a ser seguida, tudo o que interessa é a vazão do desejo, da ação, da expressão. O Id fica localizado no nível inconsciente do cérebro e não reconhece elementos sociais, portanto, não há certo ou errado. Não podemos conceituar o homem como um ser bom ou mal diante das suas ações, isto depende da visão de cada cultura, civilização ou sociedade. Por natureza humana o homem possui desejo inconsciente nato que pode ser uma ameaça ou não para o seu semelhante. O modelo de homem concebido por Freud, exige um elevado grau de controle social e saídas alternativas para a realização e satisfação das pulsões.

Para Hobbes o ser humano no seu estado de natureza é livre para realizar os seus desejos ilimitados, assim, podemos dizer que o homem é movido pelos seus próprios desejos, tudo é possível quando não existe regras que o impeçam de realizar as suas intenções. Por natureza o homem possui desejos ilimitados natos, as vezes inconscientes, que não podemos defini-lo como um ser mal ou bom, mas por viver em sociedade, esses desejos podem causar um risco de ameaça a sua espécie. Penso que a civilização determina se a ação do homem é boa ou má, como base nas suas leis e normas, no sentido de controlar e limitar todo aquele comportamento que ferir a sua ética. É sabido que diante de tanto sacrifício que a civilização impõe à sexualidade humana, implica na dificuldade de obter a felicidade, por causa de tanto sofrimento, o indivíduo se torna um neurótico por não suportar a quantidade de privação imposta pela sociedade. Este é o preço que nós pagamos por viver em sociedade, renunciando à nossa liberdade com o objetivo de manter a nossa sobrevivência. Assim, a natureza humana não pode ser definida pela ação do homem, porque varia conforme a cultura de cada povo, desta forma, penso que a natureza humana não pode ser classificada como boa ou má, mas depende o tipo do olhar cultural e social. Por natureza somos

livres para desejar, mas em sociedade somos limitados por realizar tal desejo. Penso também que a maior parte do sofrimento que enfrentamos tem a sua origem nas proibições imposta pela sociedade, desde da nossa infância enfrentamos os conflitos psíquicos internos e externos. As forças libidinais não podem ser destruídas, mas direcionadas, canalizadas para outro objeto de amor, desta forma, a felicidade torna-se possível em cada indivíduo diante da sociedade em que vive.

4. REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: RBE, 2019.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de Psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

FREUD, Sigmund. **As Pulsões e seus Destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica Psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Cultura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

COSTA FILHO, Severino. **Aproximações entre Filosofia e Psicanálise**. Contribuições de Jurgen Habermas. Universidade Católica de Pernambuco, 1995.